



Oculum Ensaios

ISSN: 1519-7727

sbi.ne_oculumensaios@puc-campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Brasil

Beisl Ramos, Tânia

HABITAR O PLANO PILOTO: 50 ANOS – ENTRE AS PRIORIDADES DEFINIDAS NO PROJETO E
AQUELAS VALORIZADAS PELA POPULAÇÃO

Oculum Ensaios, núm. 13, 2011, pp. 60-67

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351732215005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

HABITAR O PLANO PILOTO: 50 ANOS – ENTRE AS PRIORIDADES DEFINIDAS
NO PROJETO E AQUELAS VALORIZADAS PELA POPULAÇÃO | Tânia Beisl Ramos

Pós-doutoranda | Universidade Técnica de Lisboa | Faculdade de Arquitetura
Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design | R. Sá Nogueira,
Pólo Universitário Alto da Ajuda, 1349-055, Lisboa, Portugal
E-mail: taniaramos@fa.utl.pt

HABITAR O PLANO PILOTO: 50 ANOS – ENTRE AS PRIORIDADES DEFINIDAS NO PROJETO E AQUELAS VALORIZADAS PELA POPULAÇÃO

INTRODUÇÃO

A HERANÇA PORTUGUESA COMO INGREDIENTE DA SUPERQUADRA

Em *Registro de uma Vivência* (1995), Lúcio Costa menciona locais e imagens que viveu ou viu¹, e que transpôs para a concepção urbanística de Brasília. Dentre essas influências, o arquiteto² menciona a “pureza da distante Diamantina dos anos 20”, cidade que reflete a herança portuguesa. A descrição que faz da cidade revela a surpresa de alguém que se vê desarmado diante de uma situação inesperada: o passado era “de verdade”, e o desconhecimento sobre aquela realidade, total. O texto aponta as coisas que Lúcio Costa vai contemplando, na sequência de trajetos que faz: as edificações, o sistema construtivo, a implantação urbana, as ruas, os detalhes das janelas³. O relato deixa transparecer seu estado de espírito, expresso na descrição detalhada e no modo afetivo com que se despede da cidade, quando, “do alto do campanário fica olhando os telhados, até escurecer”⁴. Os registros aquarelados do interior da Igreja do Carmo e do “Colégio com passadiço e janela de treliça no térreo” falam por si.

A tranquilidade encontrada na cidade colonial de Minas Gerais constitui uma referência, que o autor do plano urbanístico da nova capital procurou implantar nas áreas residenciais de Brasília (Costa; 2001). No *Registro*, Lúcio Costa explica como foi possível criar, na superquadra, uma atmosfera de bem-estar e serenidade como a de Diamantina, conjugando ingredientes diversos, e ainda conseguir estabelecer paralelis-

mos com uma cidade nova, planejada. A receita estava “à mão de semear”, mas os ingredientes, estes foram influenciados pelo caminho aberto pelas tradições encontradas na arquitetura portuguesa construída no Brasil — tradições que ele ignorava, e que viria a referir como uma “revelação”. Os estudos viriam a ter continuidade nos levantamentos realizados pelo autor em Portugal, nas décadas de 1940 e 1950. Lúcio Costa voltaria a Portugal uma vez mais, na década de 60, já depois da concepção do Plano Piloto.

CONTRASTES

É, entretanto, visível o modo como a regularidade das superquadras contrasta com a irregularidade das cidades coloniais brasileiras, e em especial com o traçado concentrado de Diamantina. Nesse sentido, é importante salientar que o processo de urbanização português tinha como objetivo a adaptação da malha urbana à topografia local⁵.

Por um lado, verifica-se que, por meio desse processo, a rua assume a função de conexão entre pontos de referência e indicadores de vivência urbana, prevalecendo as alternativas de trajetos o mais diretos possível. Procurava-se a regularidade, intuía-se a racionalidade.

Por outro lado, nos terrenos estreitos estavam implantadas habitações que apresentavam diversidades tipológicas mínimas. A repetição volumétrica era uma constante, emoldurada pela vegetação, formando um conjunto arquitetônico colonial harmonioso (Cairo & Pessôa, 2007).

O ENCADEAMENTO DAS SUPERQUADRAS

Características semelhantes às de Diamantina repetem-se nas superquadras.

Lúcio Costa irá inovar, ao sobrepor a estrutura tradicional colonial à vida urbana da superquadra. Irá rebater os argumentos de elevadas densidades, com definição das cérceas, e propor a implantação de blocos de alturas semelhantes sobre pilotis, em espaços que se conectam horizontalmente, no sentido Norte-Sul, ao longo de dois eixos de seis quilômetros em cada direção. A relação entre duas fileiras próximas (quadra 100 e 300, por exemplo) é feita por meio de ruas locais. Mas, entre pares de fileiras, essa relação esbarra em vias de maiores dimensões, no sentido Leste-Oeste. Os quadriláteros, emoldurados por “faixas verdes com árvores de porte”, estão organizados de modo a privilegiar o encadeamento de superquadras em cada fileira horizontal.

As superquadras têm, por si só, uma estrutura centrípeta. As edificações estão dispostas num grande espaço ajardinado e abrigam, de modo profundo no seu interior, os equipamentos escolares. Quem conheceu bem o conceito de superquadra⁶, ou aqueles que moram numa superquadra do Plano Piloto de Brasília, sabem que o objetivo de Lúcio Costa foi alcançado: a superquadra “funciona” (Ramos, 2006; 2009), apesar das planejadas unidades de vizinhança não terem sido construídas na totalidade⁷, como propunha o autor.

A unidade de vizinhança 107/108/307/308 Sul, declarada Patrimônio Cultural de Brasília⁸, durante muito tempo, foi única no Plano Piloto⁹. As suas características

funcionais e a proximidade dos equipamentos públicos pretendiam conferir aos moradores autonomia em relação à envolvente urbana, o que todavia não aconteceu.

MÉTODOS

Quais são os aspectos prioritários para a população que reside na unidade de vizinhança, capazes de influenciar o modo como moram e interagem socialmente? A resposta foi obtida junto à população residente, de forma anônima, identificando-se apenas a superquadra e o bloco. O levantamento das opiniões foi obtido por meio de inquéritos estandardizados, realizados inicialmente nas superquadras que compõem a unidade de vizinhança analisada¹⁰. O estudo considerou as diferentes escalas — da área da unidade de vizinhança 107/108/307/ 308 Sul, da superquadra, do bloco e do apartamento¹¹. Sessenta e dois moradores dos blocos das superquadras 107 (Blocos C, F, I), 108 (Blocos D, E, K), 307 (Blocos C, H, K) e 308 (Blocos D, E) responderam integralmente aos questionários. Os blocos pesquisados localizavam-se tanto próximos à entrada da quadra, quanto distantes, no interior da mesma.

Paralelamente, foram levantadas informações semelhantes em várias outras superquadras do Plano Piloto (Ramos, 2006), que não integram unidades de vizinhança e contam apenas com o comércio local presente nas entrequadras. A análise contou com o acompanhamento da evolução da cidade, por meio de bibliografia recente, imprensa, entrevistas aos moradores e visitas à cidade. Os dados analisados neste artigo relativamente à influência que exercem na vida em comunidade abrangem: a) o tipo convívio entre vizinhos, se formal ou informal; b) a segurança; c) os espaços públicos; d) a existência e a localização de equipamentos, comércio e serviços.

O estudo apoiou-se na análise estatística dos dados, recolhidos e ordenados em base de dados.

PASSADO COLONIAL E MODERNIDADE

São as referências sobre o modo de vida e interação social, assim como a qualidade arquitetônica da cidade colonial mineira, que Lúcio Costa procurou transferir para as superquadras do Plano Piloto de Brasília. O efeito bumerangue está patente.

Reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco em 1997, Diamantina acolheu, na década de 50, três edifícios modernos, de autoria de Oscar Niemeyer: o Diamantina Tênis Clube (1950), a Escola Júlia Kubistcheck (1951) e o Hotel Tijuco (1951). O impulsionador foi o então governador do Estado e futuro presidente Juscelino Kubistchek, nascido na cidade. No futuro, o encontro entre os três protagonistas entraria para a história, com a construção da capital do país.

No Plano Piloto de Brasília, a superquadra é a unidade padrão reproduzível, que preenche as “asas” habitacionais da cidade e inaugura um novo modo de morar e conviver. A intenção de definir um programa social está subjacente à sua concepção, porém não cabe aqui tal discussão.

A unidade de vizinhança 107/108/307/308 Sul, embora tenha blocos com alturas diferentes, exibe a tipologia do bloco que irá predominar na maioria das superquadras¹². Alguns blocos têm garagens que “engolem” o automóvel e liberam a superfície para áreas verdes e espaços de lazer, enquanto outros possuem estacionamento edificado em áreas contíguas aos blocos. A superquadra 308 Sul tornou-se modelo de implantação, contando ainda com jardins de Burle Marx no seu interior. Entre os vários equipamentos existentes, a unidade de vizinhança possui uma das primeiras edificações de Niemeyer, a Igreja Nossa Senhora de Fátima, que empresta o nome à rua comercial 107/108 Sul fronteira, conhecida como Rua da Igreja (Figuras 1 e 2).

No interior das superquadras, o traçado viário curvo e irregular indica o abrandamento da velocidade. A superquadra foi concebida com base nos pilotis, de modo que a continuidade visual e topológica fosse o principal elemento de organização da área. Muito já se tem dito sobre o seu fechamento por meio de grades, áreas verdes e guaritas, por motivo de segurança. Contudo, embora esta seja uma das preocupações da população inquirida, não é a mais valorizada, tal como ocorre com os equipamentos especializados.

A ORDENAÇÃO DE PRIORIDADES

Confirmando a concepção de Lúcio Costa, a população residente da unidade de vizinhança salienta como uma característica positiva a existência de equipamentos públicos coletivos, serviços e comércios na proximidade, facilitando a vida cotidiana. Porém, grande parte dessa comunidade não usufrui daqueles equipamentos: preferem os centros comerciais para as compras, frequentam os clubes na orla do Lago Paranoá, não frequentam os equipamentos escolares existentes, por exemplo. O objetivo consiste em frequentar os mesmos locais que as pessoas com quem se mantém (ou se pretende) vínculo de amizade, assim garantindo uma relação de privacidade e isolamento formal com os vizinhos diretos/mais próximos¹³.

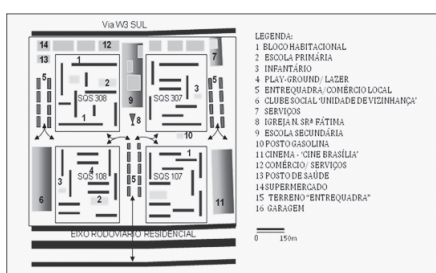


FIGURA 1 — Esquema da Unidade de Vizinhança 107/108/307/308 Sul.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.



A — Bloco na SQS 308.



B — Espaço de transição/lazer entre as superquadras 307/308.



C — Escola-Parque.



D — Igreja Nossa Senhora de Fátima.

FIGURA 2 — Imagens parciais da Unidade de Vizinhança.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.



A



B



C



D



E



F

FIGURA 3 – Imagens de superquadras diversas (A, B, C, D, E, F).

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Trata-se de um resultado surpreendente, referido por uma população inserida em área urbana rica em alternativas de lazer, comércio e serviços. Observa-se uma tendência para o isolamento social no interior da habitação, que vem sendo combatido com iniciativas locais das respectivas prefeituras; voltar a usar o espaço público do interior da superquadra é promover o convívio social.

Curiosamente, é a proximidade entre superquadras vizinhas, por fileiras laterais (2 a 16 em eixos simétricos), que assume especial importância no uso do espaço, independentemente de estar inserida em unidade de vizinhança. Contam: os mais curtos/rápidos trajetos, a organização funcional, bem como a existência de jardins, parques infantis e equipamentos, em outras quadras próximas à de origem. A transferência do local de encontro para a envolvente acaba por promover algum convívio entre vizinhos de superquadras próximas. Contribui para isso o comércio local, já que as entrequadras comerciais estão presentes ao longo do Plano Piloto. Note-se ainda que a cidade-parque é também conservada localmente, a ponto de a prefeitura de cada quadra aí investir diretamente, seja com a manutenção ou com a execução de novas áreas ajardinadas no interior da superquadra.

Nessa ordenação, a segurança é um aspecto que, embora não prioritário, merece uma breve reflexão. É a escala do bloco¹⁴, como espaço de transição entre a área pública e o espaço privado do apartamento, o alvo das atenções. Essa escala do habitar destaca-se pela presença dos pilotis, onde o atravessamento é contínuo. As alternativas de trajeto são limitadas, pelo fato de não se querer pisar a grama; caminha-se pelas ruas modernas. Ou seja, se a superquadra é a “raiz” do Plano Piloto de Brasília, os pilotis são os “suportes” por meio dos quais os percursos pedonais são livremente traçados, promovendo conexões entre superquadras vizinhas (Figuras 3).

ESTABELECENDO PARALELISMOS

O Plano Piloto de Brasília, inventado por Lúcio Costa, ordena elementos morfológicos que se repetem compassadamente do longo de seu traçado urbano. A repetição do quadrilátero e a repetição tipológica do bloco de altura semelhante estruturam a cidade de modo harmonioso. A população residente mostra-se satisfeita¹⁵.

A vegetação cresceu e emoldurou a área habitacional. O encadeamento de superquadras e respectivas entrequadras comerciais permitem o funcionamento de uma cidade quinquagenária, em expansão.

A construção das unidades de vizinhança é desejo geral. Mas as demais superquadras, ainda não inseridas em “bairros”, atuam como elementos de ligação capazes de promover o convívio de modo longitudinal, por meio da complementaridade de equipamentos numa escala mais ampla, contribuindo, assim, para a valorização do valioso conjunto arquitetônico e urbanístico em que está patente a influência da colonial e acolhedora Diamantina.

NOTAS

- Costa (1997, p.282).
- A *ordonnance* de filiação intelectual francesa, os imensos gramados ingleses, os terraplenos, arri-mos e pavilhões com desenhos de implantação da China, as auto-estradas e viadutos americanos (Costa, 1997: 282).
- Costa (1997, p.27).
- “Diamantina” Costa, (1997, p.27).
- Reis Filho (1994).
- A autora foi residente nas superquadras de Brasília durante cerca de vinte anos.
- Cada conjunto de quatro superquadras deveria constituir uma unidade de vizinhança. Para além desse conjunto, há o da SGHAN 604/605 Norte, cujo equipamento central é o clube de vizinhança.
- Em 2009, o Governo do Distrito Federal elevou à categoria de patrimônio histórico cultural local a unidade de vizinhança modelo de Brasília, formada pelas superquadras sul 107, 108, 307 e 308, por meio do Decreto nº 30.303, de 27 de abril de 2009 (Brasil, 2009).
- Inclui no seu interior o jardim de infância e a escola classe; e, nos espaços contíguos entre as quadras, a escola parque, a igreja, o posto de saúde, o cinema, o teatro, a área de comércio e o clube social. Recentemente, foi instalado o posto comunitário de segurança da unidade de vizinhança.
- Ramos (2006).
- As respostas tiveram por base a escala de 1 (péssimo), 2 (razoável), 3 (bom) e 4 (ótimo).
- Algumas superquadras adotaram a tipologia da torre em “H” formalizando pequenos conjuntos construídos.
- São os “convívios formais” que atingem valores mais elevados (80%). A referência permite a interpretação de que na superquadra predomina o isolamento entre moradores.
- A análise distingue a escala residencial entre: unidade de vizinhança, superquadra, bloco e apartamento.
- Com indicação de uma percentagem de 75% (Ramos, 2006).

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Decreto nº 30.303, de 27 de abril de 2009. *Diário Oficial do Distrito Federal*, 28 abr. 2009.
- CAIRO, C.; PESSÔA, J. "Diamantina, MG" In: PESSÔA, J.; PICCINATO, G. (Org.) *Atlas de centros históricos do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.
- COSTA, L. *Registro de uma vivência*. 2.ed. São Paulo: Empresa das Artes, 1997.
- COSTA, M.E. *Com a palavra Lúcio Costa*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- RAMOS, T.B. *Os espaços do habitar moderno: evolução e significados. Os casos português e brasileiro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- RAMOS, T.B. *Superquadra: vida suspensa*. Arquitextos n.112. Texto Especial 552. 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp522.asp>>. Acesso em: 20 set. 2009.
- REIS FILHO, N. G. *Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil, 1500-1720*. São Paulo: PINI, 1994.

RESUMO

Como refere Lúcio Costa, a superquadra é a “raiz” do Plano Piloto de Brasília. A agregação de dois pares de superquadras contíguas define uma unidade de vizinhança e delimita a escala do “bairro”. Embora essa denominação não faça parte do vocabulário local, ela define um perímetro onde estão localizados os equipamentos especializados da unidade de vizinhança. O convívio social e o espaço de acolhimento fazem parte da ordenação inventada por Lúcio Costa. A inspiração vem, inicialmente, da cidade colonial de Diamantina, passando ainda pelo estudo das tradições lusas que o arquiteto realizou pessoalmente em Portugal. Passados 50 anos da inauguração da capital, este estudo lança um olhar sobre as prioridades definidas por Lúcio Costa e aquelas efetivamente valorizadas por quem habita as “asas” do Plano Piloto.

PALAVRAS-CHAVE: Convívio social. Superquadra. Unidade de vizinhança.

LIVING PLAN PILOT: 50 YEARS – BETWEEN THE DESIGN PRIORITIES AND THOSE APPRECIATED BY INHABITANTS

ABSTRACT

As Lúcio Costa says, superblocks are the “root” of the Pilot Plan of Brasilia. The aggregation of two pairs of contiguous superblocks defines a neighborhood unit. The existence of different functional programs identifies the scale of “neighborhood”. Although this naming is not part of the local vocabulary, it defines a perimeter of accessibility to facilities, commercial places and services located nearby. The spaces that support the social encounters between the residential population were “created” by Lúcio. The inspiration comes, initially, from the colonial city of Diamantina, passing through the study of “lusu” traditions which the architect held in Portugal. 50 years after the inauguration of the capital, the paper takes a look at the Lúcio Costa’s priorities defined in the urban plan and the priorities pointed out by those who inhabit the “wings” of the Pilot Plan.

KEYWORDS: Social interaction. Superblock. Neighborhood unit.